

Apresentação

Rui Moreira

Presidente
Câmara Municipal
do Porto

Acredito que o cinema pode mudar as nossas vidas. Tal como as revoluções, portanto. Embora as revoluções operem mudanças súbitas, abruptas, radicais na vida das sociedades e das pessoas, enquanto o cinema vai insinuando em nós pequenas transformações. Há filmes que nos surpreendem com novas visões do mundo, que nos acrescentam emoções e sentimentos, que nos dilucidam sobre a natureza humana, que nos instigam à descoberta de nós próprios e dos outros, que nos inquietam de tal forma que colocamos tudo em causa... Enfim, filmes que provocam verdadeiras revoluções interiores.

Quando cinema e revolução coincidem, o sobresalto é ainda mais avassalador. Foi o que aconteceu a partir de 25 de Abril de 1974. Os que viveram os convulsivos “anos da brasa” sentiram-se personagens involuntários de um filme épico, com as suas alegrias e tristezas, conquistas e frustrações, certezas e dilemas, convergências e conflitos, aquietações e dramas. Para muitos de nós, a Revolução dos Cravos foi o filme das nossas vidas, aquele cujo guião nos fez sentir parte de algo maior – o destino de um país e de um povo.

E, claro, o advento da liberdade permitiu o acesso a um conjunto de artistas e obras de arte proscritos pela ditadura, designadamente as longas-metragens de que ouvíamos falar mas que só podiam ser vistas no estrangeiro. Com o fim da censura, os portugueses acorreram, sôfregos e insaciáveis, aos cinemas para ver os filmes até então proibidos por razões políticas ou morais. *Último Tango em Paris*, obra de Bernardo Bertolucci em que contracenam Marlon Brando e Maria Schneider, foi um desses filmes e poderá ter ajudado a mudar mentalidades em linha com o progressismo da Revolução de Abril.

O cinema pode ser “a mais bela fraude do mundo”, como dizia Jean-Luc Godard, mas resulta sempre de um momento histórico específico. Mais ou menos ficcionado, mais ou menos neutro ideologicamente, mais ou menos liberto da espuma dos dias, o cinema não deixa de captar, interpretar e por vezes questionar os acontecimentos, figuras, valores e mundi-visões de uma determinada época. Não é, de facto, uma expressão artística independente das circunstâncias epocais e imune à sua influência.

Os filmes exibidos no ciclo “Outras Revoluções” são bons exemplos de uma cinematografia que tangencia o seu tempo, sinalizando as dinâmicas políticas, sociais, culturais e económicas que antecipam ou consubstanciam uma fratura na sociedade. Não são filmes documentais, mas ajudam-nos a compreender a realidade presente e passada pela perspetiva dos seus realizadores. Fazem-nos descobrir acontecimentos, vivências, ideias, sentimentos com poder transformador sobre a tessitura social.

A presente obra releva, justamente, esse poder transformador do cinema, ao reunir um admirável conjunto de ensaios que refletem, não só sobre o ofício cinematográfico, mas também sobre as circunstâncias epocais que rodeiam os filmes selecionados. Este livro introduz-nos à urgência de mudança, à força disruptiva, ao sentido de futuro que certo cinema comporta e que escapa à padronização imposta pela indústria cinematográfica.

Com a publicação destes ensaios, o ciclo de cinema inserido no programa “Revolução, já!” – iniciativa com que o Município do Porto celebrou os 50 anos do 25 de Abril – ganha perenidade e cria pensamento crítico numa área cultural de grande relevância. Estão, pois, de parabéns todas as pessoas e instituições envolvidas na programação do ciclo “Outras Revoluções”, designadamente o curador Edmundo Cordeiro e os autores dos ensaios aqui reunidos.

As outras revoluções do cinema

Jorge Sobrado

José Bragança de Miranda

O livro *Outras Revoluções* insere-se na complexa e variada programação das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril sob o título “Revolução, já!”, elaborada com o dedicado trabalho das Bibliotecas Municipais do Porto e o apoio da Presidência da Câmara Municipal do Porto.

Há em toda a revolução uma dimensão de festa pública. Como escreveu Rousseau, trata-se de um momento em que “os espectadores são o espectáculo, em que são eles os atores, de maneira que cada um se vê e se ama nos outros”. Mesmo o conflito, o *pólemos*, é tingido por essa exuberância coletiva, por um fervor que atravessa as ruas e a imaginação.

Quem viveu o 25 de Abril recorda como era difícil voltar para casa, como boa parte da vida ocorria nas ruas da cidade, em assembleias espontâneas, em vozes que se encontravam e ressoavam. Mas também se lembra do dia em que, subitamente, todos regressaram a casa, refugiando-se no interior de si, quando o fervor revolucionário foi cedendo à rotina. No entanto, nunca é de vez e em cada ida ao cinema resta um pedaço do entusiasmo dos dias.

O cinema participa dessa festa pública dá-lhe corpo, deixa-a passar através dele e dos seus objectos. Reúne todos num entusiasmo que vai além das histórias e das narrativas, produzindo uma emoção comum, uma certa febre política, sinal de revolução.

Sendo cada filme uma obra em si, na sua contaminação e choque e mistura constituem o que

Hollis Frampton denominou como um “filme infinito”. Num sentido muito especial, o cinema como filme infinito altera e transforma, sem podermos dizer a direcção, dada a sua espontaneidade, o aspecto do mundo, criando-se uma atmosfera que tudo envolve, tudo o que existe, mas também cada um de nós.

Nesta perspectiva, o cinema é uma arte política, num duplo sentido: cada obra fílmica que entra na vida altera-a, interrompe o curso vulgar das coisas, provoca arranjos e rearranjos que transfiguram a vida, e estão sempre a entrar, pelas salas, pela televisão, pelos telemóveis; por outro lado, como dizia Walter Benjamin, o cinema “é o agente mais poderoso” para a reversão da “crise actual e a renovação da humanidade”. De facto, sendo uma arte que circula incessantemente, indo dos espaços mínimos até à dimensão planetária, é uma arte onde todos são envolvidos, onde o sujeito humano vai reconfigurando a sua consciência e a sua sensibilidade.

Neste segmento de Revolução, já!, quise-mos abrir espaço para Outras Revoluções: aquelas que passam pelo cinema e seus efeitos sobre a vida; aquelas que o cinema acolhe e potencializa; mas também aquelas que ele próprio engendra, seja através de uma obra singular, de uma abordagem estética inédita ou de uma especulação que só nele encontra forma.

Para acompanhar essa reflexão, propôs-se um ciclo de cinema sob a orientação de Edmundo Cordeiro, composto por dez sessões, cada uma antecedendo e iluminando a temática das conferências. Num compasso mensal, um filme foi exibido e discutido, acompanhado de uma folha de sala e de uma análise ou debate breve, com convidados escolhidos para expandirem a discussão. O título “Outras Revoluções” procura dar a ver as relações entre Cinema e Revolução, mas também entre revolução e cinema, pois a afinidade de ambos é absoluta.

A transcrição em livro dos registos dos filmes, das análises que os acompanharam e alimentaram o debate em sala equivale a traduzir o cinema para outros meios, e o livro, diga-se o que se disser, ainda é uma forma vital para a perduração da memória desta iniciativa, mas também a continuidade dos

efeitos do cinema. Assim, este projecto não apenas celebra as revoluções do cinema, mas pretende também ser um gesto revolucionário em si: um registo, uma memória e uma provocação para novas formas de olhar e de agir no mundo.

Para concluir, uma palavra de agradecimento a Edmundo Cordeiro pela maneira entusiasta e sábia com que organizou o ciclo de cinema e este livro, aos autores que participaram nas diversas sessões e registaram por escrito as suas reflexões, e ainda à equipa coordenada por Eva Carvalho e Jean Soares cuja competência tornou possível esta edição.

O 25 de Abril é infinito

Edmundo Cordeiro

13

Edmundo Cordeiro

Talvez a obra que pode servir de emblema ao conjunto dos filmes exibidos neste segmento do programa “Revolução, já!” seja *Dina e Django* (Solveig Nordlund, 1981, com nova montagem em 1999) – um filme que intercepta ficcionalmente a Revolução do 25 de Abril por intermédio das acções criminosas de um casal de amantes tipo *Bonnie and Clyde*, com a acção a decorrer por altura do 25 de Abril e do 1.º de Maio de 1974; o homicídio violento, e real, porque se trata de uma ficção que assenta em ocorrências de facto, veio a dar-se a 18 de Julho de 1974. (Veja-se a descrição e as citações inéditas do processo em tribunal e da investigação policial feitas por Rui Cardoso Martins, adiante.) Portanto, um filme que não visa directamente a Revolução e que, assim, nos chama a atenção para a indiferença daquilo que é decisivo.

Organizaram-se dez sessões com filmes que, por razões diferentes – políticas, históricas, cinematográficas também –, estão *ao lado* da Revolução de Abril: “Outras Revoluções” – de outras geografias, de outros tempos históricos, e do próprio cinema.

Porque os filmes não só se situam na História, como a complicam, porque, pelo menos, a dividem em duas¹. Os filmes dão movimento aos

1 Trata-se de uma ideia que José Bragança de Miranda desenvolve a propósito da fotografia, e que deslocamos assim para o cinema e para o tempo: “Porque, em si mesma, a fotografia é especulativa, repete no final da história o velho gesto do *speculum* platónico, o de dividir o real, não entre o falso e o

verdadeiro, mas entre o que ele efectivamente é, e as virtualidades que contém, invisíveis.” Bragança de Miranda (2020). Jorge Molder, a fotografia como incisão. Em C. Garrudo (Coord.), *Jorge Molder. Série Ph.* – Fotografia. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 9.

espectros e com isso refazem a História de cada vez que são vistos — não ficamos assim limitados ou sujeitos apenas às descrições e às análises racionais, por necessárias e preciosas que sejam, dos historiadores. Este dividir da História e esta libertação de espectros são uma espécie de revolução permanente, quanto ao possível — e aqui, neste nível, se é possível, é real. Que se abra um possível tem sempre efeitos no real — e isto para lá, mas completamente, das distinções entre o documental e o ficcional; porque todo o cinema documenta o tempo, e o divide, em cada sessão, como destaca adiante João Sousa Cardoso, a propósito de *A Idade da Terra*, de Glauber Rocha.

O 25 de Abril funciona aqui como uma espécie de imagem da e na História — é uma imagem atractora de “outras revoluções”, no passado e, esperamos, no futuro. Como imagem da História, o 25 de Abril é infinito. Entra inevitavelmente em relações com “outras revoluções”, mesmo que isso não seja directa ou explicitamente pensado ou agido — como é o caso aqui, por exemplo, considerando os filmes exibidos, com Maio de 68 em França (com *Os Amantes Regulares*, de Philippe Garrel) ou com a deposição da ditadura de Ceaușescu na Roménia, em 1989 (com *Videogramas de uma Revolução*, de H. Farocki e A. Ujicã) — e nestes dois casos, leia-se adiante, com filmes que resultam de estratégias cinematográficas muito distintas.

De entre os cineastas deste ciclo, quatro portugueses: Alberto Seixas Santos (sobre Salazar, no filme que é atravessado pela Revolução na sua existência, *Brandos Costumes*), Pedro Costa (sobre essa espécie de Revolução não-indiferente, em *Cavalo Dinheiro*, que apanha desprevenidos os imigrantes do então império português), Solveig Nordlund (luso-sueca) e Manuel Faria de Almeida — este último, realizador de um só filme (considerando o meio mais estritamente cinematográfico), de que vimos os destroços, dado que *Catembe*, o seu título, foi completamente estilhaçado pela Censura — e, portanto, tratou-se de ver assim, por ele, a Censura.

Por muito conhecidos que possam eventualmente ser — e talvez a maior surpresa deste

ciclo seja *Now!*, de Santiago Álvarez, o cineasta cubano –, é um conjunto de filmes e cineastas que trazem mesmo assim descoberta e reflexão – e para isso concorre em grande medida o trabalho dos diversos apresentadores das sessões, cujas reações podem agora ser acompanhadas no texto: Maria João Madeira, Moisés de Lemos Martins, Rui Cardoso Martins, José Gomes Pinto, Maria do Carmo Piçarra, Pedro Sobrado, Helena Pires, João Sousa Cardoso, Lkhagvadulam Purev-Ochir e Isabel Nogueira.